

RESUMO

Este estudo tem como finalidade identificar desafios e oportunidades no ensino de teatro para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com ênfase nas experiências de estágio, buscando estratégias para um ambiente de aprendizagem teatral mais eficaz. A investigação considera fatores como o interesse estudantil, disponibilidade de recursos e resistência institucional à prática teatral no currículo de artes. A justificativa reside na necessidade de compreender como esses desafios podem ser superados e como as oportunidades podem ser aproveitadas para enriquecer a experiência de aprendizagem. A análise inclui revisão de literatura acadêmica, relatos de estágios e uma entrevista com um professor de teatro atuante na educação básica, visando mapear dificuldades e explorar soluções e inovações pedagógicas que tornem o ensino de teatro mais acessível, envolvente e significativo para alunos dessa faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Educação básica, práticas teatrais, estágio pedagógico.

CHALLENGES AND OPPORTUNITIES IN TEACHING THEATER TO UPPER ELEMENTARY STUDENTS

ABSTRACT

This study explores the challenges and opportunities of teaching theater to upper elementary students, focusing on internship experiences and strategies for creating a more effective learning environment. Key factors examined include student engagement, resource availability, and institutional resistance to incorporating theater into the arts curriculum. The study seeks to understand how obstacles can be addressed and opportunities maximized to enhance the learning experience. The research includes a review of academic literature, internship reports, and an interview with a theater teacher working in K-12 education. The goal is to identify challenges and explore innovative pedagogical approaches that make theater education more accessible, engaging, and meaningful for students in this age group.

KEYWORDS: Basic education, theatrical practices, teaching internship

1. INTRODUÇÃO

No cenário da educação básica, o ensino de teatro nos anos finais do Ensino Fundamental enfrenta desafios importantes, mas também revela oportunidades formativas relevantes. Este estudo propõe-se a discutir essas dificuldades e possibilidades, considerando aspectos como o interesse dos alunos, a estrutura disponível e as dinâmicas institucionais. A motivação para explorar tais questões advém de sua relevância

1 Professora de Educação Física e Artes na SEDUC-Alagoinhas e na SEC-BA. Licenciada em Educação Física pela UNEB, Licenciada em Teatro pela UFBA, Especialista em Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar pela FAVENI. E-mail: lorenasantos.doc2@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3676840133885383>.

2 Mestre em Artes pelo PROFARTES/UFBA, Professor de Educação Infantil na Rede Pública Municipal de Feira de Santana, Bahia, no curso de Licenciatura em Teatro EAD pela UFBA e Professor Credenciado de Teatro no CUCA/UEFS. E-mail: marcos.machado@ufba.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8247684039343045>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2050-1745>

para a prática educativa em artes.

O teatro, enquanto linguagem artística e expressão cultural, é um potente instrumento para o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cognitivas. Compreender os entraves e potencialidades do ensino de teatro é essencial para construir propostas pedagógicas mais eficazes. A variação no interesse dos estudantes pela disciplina requer análise cuidadosa, já que o envolvimento ativo é condição para a construção significativa da aprendizagem.

A escassez de recursos materiais e de formação docente específica impacta diretamente a qualidade das experiências teatrais em sala de aula. Discutir esses fatores permite identificar fragilidades e buscar alternativas criativas e contextualizadas para superá-las. Além disso, o teatro escolar desenvolve habilidades específicas como oralidade, empatia, cooperação e pensamento crítico, o que reforça sua importância como componente do currículo.

O ensino de teatro, quando conectado ao contexto sociocultural dos estudantes, amplia seu potencial pedagógico. O reconhecimento das vivências e realidades dos alunos torna a prática mais relevante e significativa. Nos anos finais do Ensino Fundamental, etapa marcada pela consolidação de aprendizagens, o teatro pode contribuir de maneira expressiva para a formação integral.

Esta investigação parte da análise de experiências desenvolvidas nos Estágios I e II do curso de Licenciatura em Teatro, realizados no Colégio Municipal de Alagoinhas (CMA), instituição pública da rede municipal de ensino, localizada na área urbana da cidade de Alagoinhas, Bahia. A escola atende a turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo o estudo centrado em três turmas do 8º ano, com estudantes entre 12 e 14 anos de idade.

O CMA apresenta infraestrutura razoável, incluindo biblioteca, quadra esportiva coberta, internet, área verde e refeitório. O vínculo com a comunidade é fortalecido por parcerias com espaços públicos como ginásios e bibliotecas. O docente de artes, com formação na área, também atua na coordenação pedagógica e propõe atividades integrando teoria e prática, como concursos temáticos, incentivando a ludicidade, a criatividade e a criticidade.

Durante o estágio, foi possível observar o engajamento dos alunos nas atividades propostas, ainda que alguns demonstrassem maior afinidade com linguagens artísticas distintas do teatro. Essa dinâmica evidenciou a importância de estratégias pedagógicas sensíveis às singularidades dos estudantes e às características institucionais.

A pergunta norteadora deste estudo é: quais são os desafios específicos e as oportunidades presentes no ensino de teatro para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental? A justificativa da pesquisa repousa na necessidade de compreender como superar os entraves e explorar as possibilidades pedagógicas do teatro escolar.

O objetivo geral consiste em identificar desafios e oportunidades associados ao ensino de teatro nessa etapa de escolaridade, a partir de experiências vivenciadas em estágio supervisionado. Os objetivos específicos incluem mapear dificuldades, como desinteresse, escassez de recursos e resistência institucional, bem como destacar práticas inovadoras e soluções aplicáveis ao contexto da educação básica.

A proposta é refletir sobre o lugar do teatro na escola e contribuir para sua valorização como linguagem educativa capaz de promover expressão, escuta, autoria e aprendizagem significativa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre a inserção da arte no ambiente escolar brasileiro é recorrente, mas ainda carece de abordagens aprofundadas. Apesar do reconhecimento da arte como elemento fundamental na formação cultural dos estudantes, sua presença nas escolas muitas vezes se resume a eventos esporádicos ou práticas recreativas. Essa superficialidade compromete o desenvolvimento de propostas pedagógicas significativas.

A obrigatoriedade do ensino de artes, prevista na LDB 9.394/96, contrasta com a escassez de docentes licenciados na área, especialmente nas escolas públicas. Em muitos casos, a disciplina é assumida por professores generalistas, o que limita a exploração crítica das diferentes linguagens artísticas. Essa situação reforça a percepção equivocada de que a arte é “menos importante” que áreas como Matemática ou Língua Portuguesa (CANDA; BATISTA, 2009).

A arte, no entanto, quando conduzida com intencionalidade pedagógica, estimula a sensibilidade, a imaginação e o pensamento crítico. Diferentemente de disciplinas focadas em resultados objetivos, a arte valoriza o processo criativo e as múltiplas formas de expressão. Sua função vai além do entretenimento: é um espaço de fruição estética e construção subjetiva, capaz de integrar razão e emoção no processo de aprendizagem.

Para que essa proposta se efetive, é necessário rever o currículo escolar, incorporando o diálogo, a escuta e a diversidade cultural como princípios estruturantes. A escola precisa reconhecer-se como um espaço de criação, no qual os estudantes têm a possibilidade de experimentar, errar, refletir e reelaborar sua visão de mundo.

O ensino de arte requer abordagem própria, pois não há um caminho único ou resultado padronizado. Cada estudante chega à escola com sua bagagem cultural e sensível, o que torna o processo artístico uma experiência singular. Essa multiplicidade desafia concepções tradicionais de certo e errado, abrindo espaço para interpretações diversas e para a valorização das subjetividades.

No contexto da escola pública, onde o acesso à arte é frequentemente limitado, garantir uma formação artística consistente torna-se ainda mais urgente. É necessário investir em formação docente, infraestrutura e em políticas educacionais que reconheçam a arte como direito e dimensão essencial do desenvolvimento humano (CANDA, 2012).

Infelizmente, ainda persiste a visão da arte como prática técnica reprodutiva, alheia ao pensamento reflexivo. Influências históricas como a Escola Nova contribuíram para a ideia de que a livre expressão seria suficiente, desconsiderando a mediação crítica e o papel da arte na construção do pensamento autônomo.

O predomínio de abordagens tecnicistas nos currículos, com foco em conteúdos mensuráveis, prejudicou o reconhecimento das artes como áreas do conhecimento. A dificuldade em avaliar a produção artística com critérios convencionais reforça sua marginalização. No entanto, a arte amplia as formas de interação social, fortalece vínculos afetivos e estimula a sensibilidade estética.

A escola, enquanto espaço de formação integral, deve valorizar a expressão pessoal e os processos criativos, respeitando as diversidades culturais e históricas. Isso exige mudanças estruturais, formação continuada e compromisso institucional com práticas pedagógicas mais abertas e inclusivas.

As legislações educacionais avançaram, mas a efetivação do ensino de arte com qualidade ainda encontra obstáculos. A lacuna entre o que está previsto em lei e o que se realiza nas escolas evidencia um longo caminho a ser percorrido. Não basta inserir a arte no currículo: é preciso reconhecê-la como eixo fundamental da formação humana.

No caso específico do teatro, a situação é ainda mais delicada. Mesmo previsto como conteúdo do componente Artes, o teatro enfrenta resistência institucional e preconceitos que o colocam em posição marginal. Os relatos de estágio de Oliveira (2013) e de Peres e Martins (2011) reforçam essa percepção, ao apontarem a dificuldade de implementar planos de aula, a falta de autonomia dos estagiários e a evasão de alunos.

Oliveira (2013) destaca o desalinhamento entre a proposta dos estagiários e as rotinas escolares, além da ausência de espaço consolidado para o teatro no currículo. Peres e Martins (2011) relatam experiências bem-sucedidas no estímulo ao pensamento crítico por meio do teatro, mesmo em contextos adversos. Ambas as experiências indicam a importância de professores comprometidos e qualificados.

A prática da polivalência, comum nas escolas públicas, compromete a especificidade das linguagens artísticas. Um único docente responsável por todas as áreas da arte tende a oferecer um ensino mais superficial. Isso sobrecarrega o professor, dificulta a interdisciplinaridade real e limita o potencial de inspiração dos alunos.

A formação de professores especializados em teatro e sua atuação integrada com a comunidade escolar são elementos fundamentais para o fortalecimento da área. Práticas inspiradas em Viola Spolin e Augusto Boal, por exemplo, valorizam a participação ativa dos estudantes e a abordagem de temas sociais relevantes.

Por fim, superar os obstáculos estruturais e culturais exige ações articuladas: formação continuada, sensibilização da comunidade escolar, parcerias com instituições culturais e políticas públicas efetivas. O teatro escolar, longe de ser mero entretenimento, é uma ferramenta potente de formação crítica e criativa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma perspectiva interpretativa e naturalista (DENZIN; LINCOLN, 2000). Optou-se pelo estudo de caso exploratório, cujo objetivo é ampliar a familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou gerando hipóteses (GIL, 1991).

O ponto de partida foi a realização de uma pesquisa bibliográfica básica, com levantamento de materiais como artigos, livros, relatórios e recursos digitais (BONI; QUARESMA, 2005). Em seguida, estabeleceu-se contato com o professor de artes do colégio onde se desenvolveram os Estágios I e II.

Inicialmente, pretendia-se realizar a entrevista com o professor regente da escola. Contudo, após sua transferência para outra instituição, as tentativas de contato tornaram-se infrutíferas. Com a anuência do orientador, a autora convidou outro professor de teatro, que aceitou participar da pesquisa, sendo identificado com o nome fictício “João”. O consentimento foi formalizado por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A entrevista foi conduzida por videochamada e composta por 29 perguntas que abordaram sua atuação no ensino de artes, com ênfase no teatro. Embora João lecionasse no Ensino Médio no momento da entrevista, sua experiência com os anos finais do Ensino Fundamental forneceu contribuições relevantes ao estudo.

A técnica da entrevista foi escolhida por permitir a coleta de dados objetivos e subjetivos, promovendo uma escuta sensível sobre a prática docente e o contexto escolar. Trata-se de um processo de interação social que favorece a troca de experiências e a construção conjunta de sentidos (HAGUETTE, 1997). O entrevistador, nesse processo, precisa adotar postura empática, conduzindo a conversa com escuta ativa e sensibilidade.

As entrevistas estruturadas, segundo Boni e Quaresma (2005), são guiadas por um roteiro fixo de perguntas, garantindo a padronização na coleta. Para Selau (s/d), a fonte oral representa uma construção de memória que complementa e enriquece os documentos escritos. Ao reunir entrevistas, planos de aula e registros audiovisuais dos estágios, o estudo construiu um *corpus* diversificado e coerente com os objetivos propostos.

A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo (DESLANDES *et al.*, 1994), organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. As informações foram classificadas em categorias temáticas, como infraestrutura, estratégias pedagógicas, engajamento dos alunos e políticas públicas. As unidades de registro foram compostas por trechos significativos de fala ou observações diretas.

A triangulação entre os dados obtidos na entrevista e aqueles registrados durante os Estágios I e II permitiu ampliar a compreensão sobre os desafios e oportunidades do ensino de teatro nos anos finais do Ensino Fundamental. Essa articulação entre teoria, prática e experiência docente contribuiu para fortalecer a consistência analítica do estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A entrevista com João revelou a trajetória de um professor com sólida formação técnica e longa experiência docente, especialmente voltada ao ensino de teatro em instituições públicas. Ele possui bacharelado e mestrado em artes cênicas, além de diversos cursos e oficinas. Apesar da formação, expressa desejo de aprimorar sua atuação pedagógica, reconhecendo a diferença entre domínio técnico e capacidade didática.

João já atuou como professor polivalente, mas desde 2013 optou por se dedicar exclusivamente ao ensino de teatro, após constatar, em diálogo com colegas, que outros professores priorizavam as linguagens para as quais tinham maior domínio. Essa especialização permitiu aprofundar suas práticas pedagógicas e estabelecer conexões mais significativas com os alunos.

Segundo o entrevistado, a recepção dos estudantes ao teatro varia. Embora muitos apresentem timidez no início, há, em geral, grande entusiasmo após as primeiras experiências práticas. João busca criar um ambiente acolhedor, compartilhando suas próprias dificuldades e atribuindo valor a todas as funções teatrais, não apenas à atuação.

Entre os principais desafios apontados estão a ausência de salas adequadas e a limitação de recursos materiais. O professor relata dificuldades para realizar atividades que demandem espaço e flexibilidade. Como alternativa, menciona a tentativa de implantar um laboratório de linguagens, mesmo com apoio limitado, e a busca de parcerias com instituições culturais vizinhas. A carga horária reduzida da disciplina também é apontada como um obstáculo à consolidação de práticas contínuas e aprofundadas.

A prática pedagógica de João fundamenta-se em referenciais como a Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Este último, segundo ele, aproxima os alunos de suas realidades, promove reflexão crítica e encoraja a ação transformadora. João valoriza o equilíbrio entre teoria e prática, adaptando os conteúdos às especificidades das turmas. Mesmo os conteúdos mais teóricos, como a história do teatro, são dinamizados com o uso de vídeos, rodas de conversa e debates.

A avaliação é compreendida como parte do processo formativo. Inspirado nos jogos teatrais de Viola Spolin, João estimula a improvisação baseada no “onde, quem e o quê”, valorizando a escuta e a construção

coletiva das cenas. Enfatiza a habilidade de “finalizar a cena” como essencial à prática dramatúrgica e reconhece o aprendizado teatral como um percurso que envolve autoconhecimento e convivência.

As percepções sobre o ensino de teatro entre alunos e famílias são diversas. Enquanto alguns reconhecem o valor da disciplina, outros demonstram menor envolvimento. Segundo João, isso reflete a hierarquização histórica das áreas do conhecimento, na qual artes e humanidades ocupam lugar secundário frente aos componentes curriculares como Matemática ou Ciências. A mudança desse cenário, acredita, passa pela valorização institucional da arte desde os anos iniciais da escolarização.

João aponta a articulação entre professores e a gestão escolar como fator decisivo para o sucesso de projetos teatrais. A realização de apresentações requer organização e apoio coletivo, o que nem sempre é possível devido à rotina escolar voltada a resultados imediatos. Ele critica a distância entre a legislação — que prevê o ensino de artes — e sua implementação concreta, destacando a carência de políticas públicas efetivas e de profissionais formados na área.

A integração de conteúdos do cotidiano dos alunos nas aulas é uma prática recorrente. João recorre a filmes, séries e temas sociais como ponto de partida para as atividades, permitindo que os alunos vejam suas experiências representadas e debatidas em sala. O teatro, nesse contexto, atua como espelho das realidades juvenis, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e para o desenvolvimento de habilidades sociais.

O professor também se mostra aberto a experimentações com tecnologias digitais no ensino teatral. Embora ainda esteja em fase inicial de exploração, reconhece que ferramentas como vídeos, plataformas online e inteligência artificial podem ampliar as possibilidades de expressão artística, sem substituir a vivência corporal que considera essencial.

A partir da fala de João, identificam-se quatro eixos centrais de análise:

1. **Critérios de avaliação e condução das aulas:** O professor adota critérios flexíveis e formativos, adaptando-se às propostas e aos grupos. Enfatiza a construção narrativa e a expressividade como centrais para o processo avaliativo;
2. **Feedback de alunos e pais:** Há um contraste entre o reconhecimento do valor do teatro por alguns e a indiferença de outros. Isso reflete a valorização desigual das artes no contexto escolar e a necessidade de ampliar o diálogo com as famílias;
3. **Limitações estruturais e institucionais:** A falta de espaços apropriados e de recursos compromete a continuidade e a qualidade das práticas. A baixa carga horária e a desvalorização institucional do teatro dificultam sua implementação efetiva;
4. **Expectativas quanto à valorização do ensino de artes:** João defende políticas mais efetivas e maior investimento na formação docente. Acredita que o fortalecimento do ensino de teatro depende do reconhecimento da arte como linguagem essencial à formação integral.

Esses eixos dialogam diretamente com as experiências vivenciadas nos Estágios I e II realizados pela autora. Observações em sala de aula e espaços alternativos, como o ginásio de esportes, confirmam os desafios estruturais apontados na entrevista. Ao mesmo tempo, o interesse e a participação dos alunos nas atividades, como concursos de desenho, dança e a Mostra de Artes, evidenciam a potência das práticas artísticas na escola.

A metodologia empregada pelo professor regente — combinando ludicidade, rigor e abertura à participação — contribuiu para o sucesso das atividades. Durante a coparticipação, a autora propôs dinâmicas de apresentação e jogos teatrais, como exercícios de nomes e movimentos em círculo, que foram bem recebidos pelos alunos. Mesmo diante da timidez inicial de alguns estudantes, observou-se crescimento no

entrosamento e na disposição para experimentar.

As aulas ministradas pela autora sob o tema “Exploração Teatral” mobilizaram conteúdos como construção de personagens, improvisação e uso criativo do espaço. A adaptação ao espaço físico e às características das turmas foi constante. A presença de um aluno surdo com intérprete de Libras e o trânsito de estudantes da sala de recursos foram tratados com naturalidade, o que reforça o caráter inclusivo da prática docente observada.

A análise dessas experiências confirma que, mesmo em contextos adversos, é possível promover um ensino de teatro significativo, desde que haja sensibilidade pedagógica, planejamento flexível e valorização institucional. O teatro, quando reconhecido como linguagem de escuta e criação, contribui para a formação crítica e sensível dos estudantes.

5. CONCLUSÃO

O ensino de teatro nos anos finais do Ensino Fundamental enfrenta obstáculos estruturais, institucionais e pedagógicos, mas também revela um campo promissor para a formação sensível, crítica e colaborativa dos estudantes. Entre os desafios, destacam-se a falta de formação específica dos professores, a escassez de recursos, a ausência de espaços adequados e a desvalorização histórica da arte na escola.

A formação continuada é fator decisivo para que os educadores desenvolvam estratégias eficazes e inovadoras, capazes de engajar os alunos em experiências cênicas significativas. O apoio institucional, quando presente, tende a criar um ambiente mais propício à implementação do ensino de teatro, promovendo iniciativas como festivais escolares, parcerias externas e valorização curricular.

A resistência à inclusão do teatro no currículo pode ser superada com base em evidências sobre seus benefícios no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. O reconhecimento institucional precisa estar alinhado a políticas públicas que garantam infraestrutura, professores habilitados e espaços de criação artística.

Parcerias com grupos culturais e organizações da comunidade fortalecem a prática teatral escolar, oferecendo repertório, inspiração e oportunidades de expressão. Tais articulações também aproximam a escola de seu território e ampliam o alcance da ação educativa.

O uso de tecnologias digitais, embora incipiente no contexto entrevistado, apresenta-se como possibilidade pedagógica relevante. Plataformas colaborativas e ferramentas de criação expandem os formatos de expressão e permitem ao teatro dialogar com linguagens contemporâneas, mantendo-se conectado à vivência dos estudantes.

A inclusão de todos os alunos nas práticas teatrais é fundamental. A experiência observada e descrita evidenciou a importância de ambientes acolhedores e metodologias flexíveis, capazes de envolver estudantes com diferentes perfis e necessidades. A convivência entre alunos com e sem deficiência, por exemplo, foi tratada com naturalidade e respeito.

O envolvimento da comunidade e das famílias é outro aspecto relevante. A realização de apresentações abertas ao público, bem como a valorização da produção artística dos alunos, contribui para reforçar a importância da arte na formação integral e estreitar os laços entre escola e sociedade.

O relato do professor João evidencia a potência da prática docente engajada e crítica, que busca caminhos para tornar o ensino de teatro relevante, acessível e transformador. Sua abordagem, centrada no diálogo, na adaptação e na escuta, está em sintonia com uma perspectiva contemporânea da educação, que valoriza o protagonismo estudantil.

Ao longo da pesquisa, foi possível constatar a tensão existente entre as limitações do sistema educacional e o ideal de uma educação artística ampla. A carga horária reduzida, a polivalência docente e a ausência de políticas específicas dificultam a consolidação do teatro como componente formativo central.

No entanto, as experiências analisadas demonstram que, mesmo com tais limitações, é possível promover vivências enriquecedoras e transformadoras.

O teatro, nesse sentido, pode ocupar lugar estratégico na escola como ferramenta de construção de sentidos, de estímulo à empatia, à criatividade e ao pensamento crítico. Ao abordar temas sociais, culturais e existenciais, o teatro amplia o repertório dos estudantes e os prepara para uma participação cidadã mais ativa.

Em suma, o ensino de teatro é desafiador, mas repleto de possibilidades. Quando reconhecido como linguagem legítima e valorizado por toda a comunidade escolar, torna-se um espaço fértil de aprendizagem e de formação para a vida.

REFERÊNCIAS

- BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), p. 68-80. Janeiro-julho/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>, Acesso em: 07 de set, 2021.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- CANDA, C. N.; BATISTA, C. M. P. Qual o lugar da arte no currículo escolar?. **R.cient./ FAP**, v.4, n.2, p.107-119. Curitiba: jul./dez. 2009.
- CANDA, C.N. A arte como direito da infância e a sua inserção no ensino fundamental de nove anos. **REP – Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n.1, p. 121-134. Passo Fundo: jan./jun. 2012.
- DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y. **The discipline and practice of qualitative research**. Disponível em: N.K. DENZIN e Y.S.LINCOLN (eds.), Handbook of qualitative research. Thousand Oaks, SagePublications, p. 1-28, 2000.
- DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Organizadora). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Vozes. Petrópolis: RJ, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. Educativa - Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais**, 1999. Disponível em: http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, R. L. de. **A arte do desencontro: o ensino de teatro: o ensino de teatro em uma escola de Ensino Médio de Brasília** (Monografia apresentada à Universidade de Brasília). Brasília, 2013.
- PERES, D. G; MARTINS, G. da S. L. **Reflexões sobre o estágio supervisionado: a pedagogia do teatro no ensino médio**. O Mosaico - Número 5 – jan./jun 2011
- SELAU, M. da S. **História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais**. Revista Esboços, nº 11, s/d.
- RIBEIRO, E. A. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, nº 04, p. 129-148. Araxá/MG, 2008.